

**DENNIS
LEHANE**

ILHA DO MEDO

ORIGINALMENTE PUBLICADO COMO *PACIENTE 67*

Tradução:
LUCIANO MACHADO

2ª edição



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2003 by Dennis Lehane

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

Título original:
Shutter Island

Preparação:
Valéria Franco Jacintbo

Revisão:
*Ana Maria Barbosa
Carmen S. da Costa*

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo
da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles
não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lehane, Dennis

Ilha do medo / Dennis Lehane ; tradução Luciano
Machado. — 2ª. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Shutter Island.
ISBN 978-85-359-1625-6

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-ameri-
cana) I. Título.

10-01549

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana
813.0872

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

PRIMEIRO DIA

RACHEL

1

O pai de Teddy Daniels fora pescador. Perdera o barco para o banco em 1931, quando Teddy tinha onze anos, e passou o resto da vida prestando serviço em barcos alheios, quando havia trabalho neles, e trabalhando como estivador, quando as atividades nos barcos escasseavam; ao voltar para casa, aí pelas dez da manhã, passava longas horas sentado numa poltrona, fitando as próprias mãos, falando consigo mesmo de vez em quando, de olhos arregalados, o olhar sombrio.

Levara Teddy para as ilhas quando este ainda era menino, pequeno demais para ajudar no trabalho do barco. Só o que conseguia fazer era desembarçar as linhas e desenganchar os anzóis. Chegou a se cortar algumas vezes, e o sangue salpicou-lhe os dedos e sujou-lhe as mãos.

Partiram antes do amanhecer. Quando o sol apareceu — uma luz fria cor de marfim erguendo-se na linha do horizonte —, as ilhas foram surgindo em meio à escuridão que se dissipava, pegadas umas às outras como se tivessem sido surpreendidas cometendo alguma falta.

Alinhadas na praia de uma delas, Teddy vislumbrou pequenas cabanas em tons pastel; em outra, uma propriedade rural em ruínas. Seu pai apontou a prisão na ilha Deer e o majestoso forte na ilha Georges. Na Thompson, as árvores imponentes, cheias de pássaros — e o canto destes lhe soou como lufadas de granizo ou de estilhaços de vidro.

Para além de todas as outras, via-se aquela que era chamada de Shutter. Parecia alguma coisa jogada no mar por

marinheiros de algum galeão espanhol. Naquela época, na primavera de 1928, a ilha estava entregue à própria sorte, invadida pelo caos de sua própria vegetação; o forte que avultava no ponto mais alto sufocava sob o mato, totalmente coberto por vastas extensões de musgo.

“Por que é chamada de Shutter?”, perguntou Teddy.

O pai deu de ombros. “Você e essas suas perguntas. Sempre perguntas.”

“Sim, mas por quê?”

“Tem lugares que são assim, inventam um nome, e ele pega. Com certeza, dado por piratas.”

“Piratas?”, perguntou Teddy, a quem a palavra soara agradavelmente. Ele podia imaginá-los — todos fortes, com tapa-olhos, botas grandes e espadas brilhantes.

“Era ali que se escondiam nos velhos tempos”, disse o pai, “e que escondiam o ouro.”

Teddy imaginava baús cheios de ouro, com moedas derramando-se pelas bordas.

Mais tarde o garoto se sentiu mal, vomitou várias vezes, violentamente, debruçado à borda do barco do pai, lançando jorros escuros no mar.

O pai ficou surpreso, pois Teddy só começou a vomitar horas depois de iniciada a viagem, quando as águas do oceano estavam tranquilas e brilhantes. O pai disse: “Tudo bem. É a primeira vez que você vem. Não precisa se envergonhar”.

Teddy balançou a cabeça, limpou a boca com o pano que o pai lhe passou.

O pai disse: “Às vezes o barco joga, e você só sente o balanço quando ele começa a embrulhar seu estômago”.

Teddy balançou a cabeça novamente, incapaz de dizer ao pai que não fora o balanço que lhe embrulhara o estômago.

Fora toda aquela água. Estendendo-se em toda a volta, como se não restasse mais nada no mundo. Como se pudesse engolir o céu, pensou Teddy. Até aquele momento, não se tinha dado conta de que estavam tão isolados.

Ele levantou os olhos vermelhos e lacrimejantes para o pai, que lhe disse: “Isso logo passa”. Teddy tentou sorrir.

Seu pai partiu num baleeiro de Boston no verão de 1938 e nunca mais voltou. Na primavera seguinte, destroços do navio apareceram na praia Nantasket, na aldeia de Hull, onde Teddy crescera. Um pedaço da quilha, um fogareiro com o nome do capitão gravado na base, latas de sopa de batata e de tomate, e, estragadas e amassadas, algumas armadilhas para apanhar lagostas.

As cerimônias fúnebres dos quatro pescadores tiveram lugar na igreja de Santa Tereza, cujos fundos davam para aquele mesmo mar que devorara tantos de seus paroquianos. De pé ao lado da mãe, Teddy ouviu as homenagens prestadas ao capitão, ao segundo e ao terceiro homem da tripulação, um velho lobo do mar chamado Gil Restak, que se tornara o terror dos bares de Hull desde que voltara da Grande Guerra com um pé quebrado e a cabeça cheia de imagens horrendas. Com a morte, porém, disse um dos donos de bar agredido por ele, tudo é perdoado.

O dono do barco, Nikos Costa, confessou que não conhecia muito bem o pai de Teddy e que o tinha contratado de última hora, porque um membro da tripulação quebrara a perna ao cair de um caminhão. De qualquer modo, o capitão do navio tinha falado muito bem dele, dizendo que era conhecido de todos e fazia bem o trabalho. E que maior elogio se poderia fazer a uma pessoa?

Ali na igreja, Teddy lembrou-se daquela expedição no barco do pai, porque ela nunca mais se repetiria. O pai vivia dizendo que iria levá-lo novamente, mas Teddy percebeu que ele dizia isso só para ajudar o filho a manter um pouco do orgulho. O pai nunca comentou nada do que se passara na ocasião, mas naquele dia, no mar, trocaram um olhar esquisito, quando já voltavam para casa, no momento em que atravessavam a fileira de ilhas, com a ilha Shutter atrás deles, a Thompson ainda à frente, a silhueta da cidade tão nítida e próxima deles que se tinha a impressão

de poder levantar um dos edifícios segurando-o pela parte de cima.

“É o mar”, dissera o pai afagando as costas de Teddy, os dois recostados na popa do barco. “Tem homens que o dominam e homens que são dominados por ele.” E olhara para Teddy de uma forma que o garoto entendera o tipo de homem que certamente viria a ser.

Ao irem para lá em 1954, tomaram o ferryboat da cidade e passaram por uma série de pequenas ilhas esquecidas — Thompson e Spectacle, Grape e Bumpkin, Rainford e Long —, que se mantinham à superfície em tufo rijos, constituídos de areia, árvores nodosas e formações rochosas brancas como osso. Excetuando as viagens com suprimentos feitas às terças-feiras e aos sábados, o ferryboat não tinha horários regulares, e sua despensa estava desprovida de tudo; ali só havia a folha de metal que cobria o piso e os dois bancos de metal fixados sob a janela. Os bancos eram aparafusados, em ambas as extremidades, ao piso e a dois grossos postes, dos quais pendiam grilhões, que jaziam no chão, amontoados feito espaguete.

Naquele dia, porém, o ferryboat não estava transportando pacientes para o asilo, apenas Teddy e seu novo parceiro, Chuck Aule, alguns sacos de lona com correspondência e caixas de medicamentos.

Teddy começou a viagem ajoelhado junto ao vaso sanitário, enquanto o motor do barco bufava e estalejava; e suas narinas se enchiam do odor oleoso da gasolina e do mar no final do verão. Nada saía do corpo dele, exceto fiozinhos de água, mas ainda assim a garganta parecia apertada, o estômago pressionava a base do esôfago, e o ar à sua frente constelava-se de partículas que piscavam como olhos.

O último espasmo liberou uma bolha de oxigênio que, ao irromper na boca, parecia trazer consigo uma parte do peito. Teddy sentou-se no chão de metal, limpou o rosto

com o lenço, pensando que aquela não era uma boa maneira de começar uma parceria.

Imaginava Chuck, de volta a casa, contando à esposa — se é que era casado, Teddy pouco sabia dele — sobre seu primeiro encontro com o lendário Teddy Daniels. “Querida, o cara gostou tanto de mim que vomitou.”

Desde a viagem que fizera quando menino, Teddy não gostava de se aventurar na água, não sentia o menor prazer em ficar longe da terra firme, nem em perder de vista a terra ou as coisas que se pode alcançar e pegar sem que as mãos nelas se abismem. Por mais que se diga que não há problema — pois é isso o que é necessário dizer quando se precisa atravessar certa extensão de água —, a verdade é que há sim. Mesmo na guerra, ele temia menos tomar as praias de assalto que atravessar os poucos metros entre o barco e a costa, com as pernas arrastando-se penosamente nas profundezas, criaturas estranhas serpenteando por cima das botas.

Apesar de tudo, preferia permanecer no convés, afrontando o oceano ao ar livre, a ficar ali embaixo com ânsias de vômito, com essa sensação de calor nauseante.

Ao ter certeza de que a indisposição passara, de que o estômago se aquietara e de que a cabeça parara de girar, lavou as mãos e o rosto, examinou a própria aparência num espelhinho fixado acima da pia, cujo estanho fora praticamente todo corroído pelo sal marinho, restando do espelho apenas uma pequena nuvem no centro, na qual Teddy mal conseguia ver sua imagem, a imagem de um homem relativamente jovem, de cabelo cortado à escovinha. O rosto, porém, trazia a marca da guerra e dos anos subsequentes, e nos olhos — que um dia Dolores dissera que exprimiam uma “tristeza canina” — podia-se ler a dupla fascinação que a perseguição e a violência exerciam sobre esse homem.

Sou jovem demais para ter uma expressão tão dura, pensou Teddy.

Ajustou o cinturão de forma que a arma se apoiasse

no quadril, tirou o chapéu de cima da caixa de descarga, colocou-o na cabeça, ajustou a aba de forma a pender levemente para a direita e apertou o nó da gravata. Era uma daquelas gravatas floridas, de cores vivas, já fora de moda havia um ano, mas ele ainda a usava porque fora presente dela. No dia do seu aniversário, ele estava sentado na sala, quando ela deslizara a gravata na frente dos olhos dele. E apertara os lábios contra seu pomo de adão. Uma mão cálida no seu rosto. O cheiro de laranja na língua. Ela sentando no seu colo, tirando-lhe a gravata. Ele de olhos fechados, só para sentir o cheiro dela. Para imaginá-la. Para recriá-la na mente e conservá-la ali.

Teddy ainda conseguia fazer isso — fechar os olhos e vê-la. Mas ultimamente algumas manchas brancas embaçavam partes da imagem — o lobo de uma orelha, os cílios, os contornos da cabeleira. Ainda não dava para obscurecer a imagem por completo, mas Teddy temia que o tempo a fosse tomando dele, que triturasse pouco a pouco as imagens em sua mente, terminando por aniquilar todas.

“Sinto falta de você”, ele disse e atravessou a despensa, dirigindo-se para a coberta da proa.

Lá fora o tempo continuava quente, o céu estava limpo, mas a água tinha manchas escuras cor de ferrugem sobre um fundo cinza-claro uniforme, dando a impressão de que, nas suas profundezas, escondia uma massa cada vez mais sombria e ameaçadora.

Chuck tomou um gole da sua garrafinha, apontou o gargalo na direção de Teddy, erguendo uma sobrancelha. Teddy balançou a cabeça, e Chuck recolocou-a no bolso do paletó, ajustou as abas do sobretudo em volta dos quadris e contemplou o mar.

“Você está bem?”, perguntou Chuck. “Está pálido.”

Teddy deu de ombros em sinal de indiferença. “Estou ótimo.”

“Mesmo?”

Teddy fez que sim com a cabeça. “Estou só me adaptando ao balanço do mar.”

Ficaram em silêncio por um instante, o mar ondulado à volta deles, marchetado de bolsões negros e lustrosos como veludo.

“Você sabia que aquilo já foi um campo para prisioneiros de guerra?”, disse Teddy.

“A ilha?”, perguntou Chuck.

Teddy confirmou com um gesto de cabeça. “Na época da Guerra de Secessão, construíram lá um forte e um quartel.”

“E para que serve o forte hoje em dia?”

Teddy deu de ombros. “Não sei dizer. Há muitos fortes por essas ilhas. Durante a guerra, a maioria servia de alvo para exercícios de artilharia. Poucos ficaram de pé.”

“E o hospital?”

“Pelo que sei, foi instalado em antigos alojamentos militares.”

Chuck disse: “Vai ser como se voltássemos ao serviço militar, não?”.

“Espero que não”, disse Teddy virando para a amurada. “Então, conte alguma coisa, Chuck.”

Chuck sorriu. Era um pouco mais troncuado e baixo que Teddy — teria mais ou menos um metro e setenta e cinco de altura —, de cabelos encaracolados pretos, curtos, pele azeitonada, mãos delicadas que pareciam não combinar muito com o seu tipo físico, como se as tivesse tomado de empréstimo enquanto as suas não voltavam do conserto. A face esquerda tinha uma pequena cicatriz em forma de foice, na qual muitas vezes Chuck batia de leve com o polegar.

“Sempre começo pela cicatriz”, ele disse. “Mais cedo ou mais tarde as pessoas terminam por perguntar sobre ela.”

“O.k.”

“Não se trata de ferimento de guerra”, disse Chuck. “Minha namorada acha que eu deveria dizer que é um ferimento de guerra sim, para encerrar o assunto, mas...” Deu de ombros. “Mas isso aconteceu quando eu estava *brincando* de guerra. Ainda era criança. Eu e outro garoto brincá-

vamos de estilingue, atirávamos um contra o outro. A pedra dele não me acertou. Felizmente, não é?” Ele balançou a cabeça. “Mas a pedra bateu numa árvore, e um pedaço da casca voou e acertou o meu rosto. Daí a cicatriz.”

“Quando brincava de guerra.”

“Sim, brincando de guerra.”

“Você veio transferido do Oregon?”

“De Seattle. Cheguei na semana passada.”

Teddy esperou, mas Chuck não deu maiores explicações.

Teddy falou: “Por quanto tempo você foi xerife lá?”

“Quatro anos.”

“Então você sabe como o nosso mundo é pequeno.”

“Claro. Você quer saber o porquê da transferência.”

Chuck balançou a cabeça, como se acabasse de tomar uma decisão. “E se eu dissesse que estava cansado de tanta chuva?”

Teddy, que tinha as mãos apoiadas na amurada, virou as palmas para cima. “Se você diz...”

“Mas este é um mundo pequeno, como você disse. Todo mundo conhece todo mundo no serviço. E, sendo assim, sempre aparece um... como é mesmo que eles chamam? Bochicho.”

“Esse é o termo certo.”

“Foi você quem prendeu Breck, não foi?”

Teddy confirmou com um gesto de cabeça.

“Como soube para onde ele iria? Cinquenta caras foram procurá-lo em Cleveland. Você foi para o Maine.”

“Certa vez ele passou o verão lá com a família, quando era criança. O que ele fazia com as vítimas é o que se faz com cavalos. Conversei com uma tia dele. Ela me disse que a única vez que o vira feliz foi quando estava num haras próximo ao chalé que sua família alugara no Maine. Então fui para lá.”

“Você deu cinco tiros nele”, disse Chuck olhando a espuma lá embaixo.

“E teria dado mais cinco”, disse Teddy. “Mas os cinco primeiros bastaram.”